

## **Autonomia das mulheres frente a situações de violência**

**Women's autonomy in the face of situations of violence**

**Autonomía de las mujeres ante situaciones de violencia**

Recebido: 10/03/2021 | Revisado: 18/03/2021 | Aceito: 23/03/2021 | Publicado: 30/03/2021

### **Michelle Kuntz Durand**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3660-6859>  
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil  
E-mail: michakd@hotmail.com

### **Ivonete Teresinha Schülter Buss Heidemann**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6216-1633>  
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil  
E-mail: ivoneteheideman@gmail.com

### **Kátia Jamile da Silva**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8645-1184>  
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil  
E-mail: katiajamiledasilva@gmail.com

### **Laura Taís Loureiro Simas**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9052-7740>  
Prefeitura Municipal de Santa Maria, Brasil  
E-mail: lauratais.ls@gmail.com

### **Betina Horner Schlindwein Meirelles**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1940-1608>  
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil  
E-mail: betina.hsm@ufsc.br

### **Débora Batista Rodrigues**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4914-9557>  
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil  
E-mail: enfdeborabr@gmail.com

### **Carolina Kahl**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9499-8120>  
Secretaria Municipal de Biguaçu, Brasil  
E-mail: carolinakahl@hotmail.com

### **Denise Antunes de Azambuja Zocche**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4754-8439>  
Universidade do Estado de Santa Catarina, Brasil  
E-mail: denise9704@gmail.com

### **Resumo**

O objetivo da pesquisa é identificar e promover a autonomia de mulheres em situações de violência em seu cotidiano. Pesquisa qualitativa articulada com o referencial metodológico de Paulo Freire, com a produção das informações através de Círculos de Cultura, que são formados pelas seguintes etapas: investigação temática; codificação e descodificação; e desvelamento crítico. Foram realizados seis Círculos de Cultura com duas horas de duração, e uma média de nove participantes em cada encontro. A investigação revelou oito temas geradores e dois deles serão discutidos neste estudo: necessidade de escuta e diálogo sobre aspectos de violência moral e doméstica e a relação com a promoção da saúde, com foco na autonomia. As falas mostram o quanto as relações de dependência moldam uma estrutura de poder do homem sobre a mulher, e o quanto a desconstrução desse paradigma transforma as vidas das vítimas de violência. Ainda, evidenciou-se a saúde pública como um espaço de diálogo promotor do processo de construção da autonomia, inclusive através de momentos de compartilhamento e de reflexão crítica, como os Círculos de Cultura. Foi possível identificar que o vínculo entre os atores envolvidos foi construído no decorrer do estudo, o que contribuiu para a produção das informações e para o impacto positivo gerado no contexto estudado. Como possibilidades, destaca-se a ocupação de espaços pelos profissionais de saúde para contribuir nas questões de gênero, construindo estratégias voltadas para a solução dos problemas enfrentados nesse âmbito, através da promoção da saúde das mulheres vítimas de violência.

**Palavras-chave:** Promoção da saúde; Autonomia pessoal; Atenção primária à saúde; Enfermeiras e enfermeiros; Violência contra a mulher.

### **Abstract**

The objective of the research is to identify and promote the autonomy of women in situations of violence in their daily lives. Qualitative research articulated with Paulo Freire's methodological framework, with the production of

information through Culture Circles, which are formed by the following steps: thematic research; encoding and decoding; and critical unveiling. Six two-hour Culture Circles were held, with an average of nine participants in each meeting. The investigation revealed eight generating themes and two of them will be discussed in this study: the need for listening and dialogue on aspects of moral and domestic violence and the relationship with health promotion, with a focus on autonomy. The statements show how much the dependency relationships shape a structure of power of the man over the woman, and how much the deconstruction of this paradigm transforms the lives of the victims of violence. Still, public health was highlighted as a space for dialogue that promotes the process of building autonomy, including through moments of sharing and critical reflection, such as Culture Circles. It was possible to identify that the link between the actors involved was built during the study, which contributed to the production of information and to the positive impact generated in the studied context. As possibilities, the occupation of spaces by health professionals stands out to contribute to gender issues, building strategies aimed at solving the problems faced in this area, through the promotion of the health of women victims of violence.

**Keywords:** Health promotion; Personal autonomy; Primary health care; Nurses; Violence against women.

### Resumen

El objetivo de la investigación es identificar y promover la autonomía de las mujeres en situaciones de violencia en su vida diaria. Investigación cualitativa articulada con el marco metodológico de Paulo Freire, con la producción de información a través de Círculos Culturales, los cuales están conformados por los siguientes pasos: investigación temática; codificación y decodificación; y revelación crítica. Se realizaron seis Círculos Culturales de dos horas de duración, con un promedio de nueve participantes en cada encuentro. La investigación reveló ocho temas generadores y dos de ellos serán discutidos en este estudio: la necesidad de escuchar y dialogar sobre aspectos de la violencia moral y doméstica y la relación con la promoción de la salud, con enfoque de autonomía. Los enunciados muestran en qué medida las relaciones de dependencia configuran una estructura de poder del hombre sobre la mujer y en qué medida la deconstrucción de este paradigma transforma la vida de las víctimas de la violencia. Aún así, la salud pública se destacó como un espacio de diálogo que promueve el proceso de construcción de autonomía, incluso a través de momentos de intercambio y reflexión crítica, como los Círculos Culturales. Se pudo identificar que durante el estudio se construyó el vínculo entre los actores involucrados, lo que contribuyó a la producción de información y al impacto positivo generado en el contexto estudiado. Como posibilidades, se destaca la ocupación de espacios por parte de los profesionales de la salud para contribuir a la problemática de género, construyendo estrategias encaminadas a solucionar los problemas que se enfrentan en esta área, a través de la promoción de la salud de las mujeres víctimas de violencia.

**Palabras clave:** Promoción de la salud; Autonomía personal; Atención primaria de salud; Enfermeras y enfermeros; Violencia contra la mujer.

## 1. Introdução

O Sistema Único de Saúde (SUS) é baseado na defesa da saúde como um direito, entendendo-a como resultante das condições de vida da população. Nessa perspectiva, a Estratégia Saúde da Família tem oportunizado maior aproximação dos profissionais com os usuários, desenvolvendo ações contínuas para a promoção e vigilância à saúde, através de ações intersetoriais e interdisciplinares (Prado & Santos, 2018).

Para que tais estratégias sejam efetivas, os profissionais devem estimular a capacidade de reflexão e ação autônoma dos sujeitos envolvidos, para que estes possam promover saúde em seu cotidiano, utilizando-se de ações de educação em saúde como uma das intervenções potencialmente decisivas nesse contexto, pois se fazem a partir da análise dos profissionais e da comunidade, ambos, participantes do processo (Prado & Santos, 2018; Padilha, Gomes, Lima, Soeiro, Oliveira, Schiesari, Silva & Oliveira, 2018).

Nesse contexto, a violência configura-se como um fenômeno complexo por estar relacionada a aspectos socioculturais, psicológicos, comportamentais, relacionais e econômicos, e multicausal pelo fato de as ações e atos envolverem a intenção de prejudicar, subtrair, subestimar, subjugar e até mesmo ferir o outro, sendo prática que atinge diferentes grupos sociais, instituições e faixas etárias, de forma que interfere na qualidade de vida e na saúde das vítimas, sendo um grave problema de saúde pública (Lima, Almeida, Nascimento, Nogueira, Costa, Magalhães & Silva, 2021).

No que diz respeito às demandas trazidas pelas mulheres em situação de violência, fica evidente que se deve realizar uma reorientação das práticas profissionais no sentido de intervir na causa do problema, observando inclusive aspectos sociais e políticos que perpetuam a violência de gênero (Alexandre, Salgueiro, Gonçalves, Lopes, Rodrigues, Santos & Silva, 2019).

Ao fazer uma análise histórica, percebe-se a existência de uma desigualdade motivada, principalmente, pelo sexo, e que torna a mulher objeto de violência, pois confere uma concepção da mulher enquanto propriedade masculina, em uma relação que se constrói desde a infância por meio dos papéis de gênero, e que se perpetua de geração em geração colocando a mulher em condição submissa ao homem (Santos, Moreira, Fonseca, Filho & Ifadireo, 2019). Simone de Beauvoir (2019) aponta que esta subalternidade construída é proveniente de uma destituição de identidade cultural e histórica, e que torna natural e biológica esta relação de inferiorização.

Os feminismos, a partir de muitas lutas, pautadas na reivindicação pela cidadania e participação na política, melhores condições de trabalho, e igualdade, sob uma ótica baseada na alteridade e na desconstrução do padrão de gênero que determinava como a mulher deveria se comportar, e que não oferecia oportunidade de escolha sobre o seu destino, obtiveram conquistas expressivas para as mulheres que refletem nos direitos obtidos nas mais diversas esferas (Liberato, 2021).

Nesse sentido, a autonomia ganha destaque por se acreditar ser um caminho capaz de levar a mulher a sua emancipação, e estar interligada a diversas dimensões, inclusive a econômica e ao poder de decisão sobre o seu próprio corpo, o que confere melhoria das condições de vida, controle sobre seus próprios recursos e a interrupção do processo de dependência e de relações hierárquicas estruturais relacionadas ao gênero (Trentin, Vargas, Brehmer, Schneider & Leal, 2019; Anjos, Ramos, Joras, & Goellner, 2018).

Dessa forma, percebe-se a importância de compreender o cotidiano das mulheres, para identificar as causas dos problemas enfrentados, como a violência de gênero e de que forma os serviços de saúde podem contribuir nesse contexto, para então realizar movimentos que transformem essa realidade, através da promoção da saúde, por meio, por exemplo, da tomada de consciência das participantes, como este estudo se propôs.

Com base nisso, questiona-se: como a autonomia da mulher se expressa frente às situações de violência doméstica e familiar no seu cotidiano? Portanto este estudo tem como objetivo identificar e promover a autonomia de mulheres frente às situações de violência doméstica e familiar em seu cotidiano. Os dados apresentados são elementos de uma pesquisa acerca da promoção da autonomia da mulher na Saúde da Família e se configura como uma estratégia de reconhecimento das inúmeras formas de promoção da saúde associada ao cotidiano das mulheres.

## 2. Metodologia

Pesquisa de abordagem qualitativa de caráter participativo (Pereira *et al.*, 2018), que seguiu o Itinerário Freireano, o qual compreende as seguintes etapas, que não são lineares, mas sim constituem um processo de ir e vir: Investigação Temática – por meio do diálogo são extraídas palavras que possuem significado e importância para as participantes, as quais são denominadas temas geradores pois através do seu significado compõem outras que farão parte das demais etapas do estudo -, Codificação – momento em que os temas geradores são postos em evidência e relacionados com seus elementos constitutivos em interação para serem observados pelas participantes de fora do cenário, e identificadas as situações limites - e Descodificação – momento de reflexão sobre o seu papel nas situações limite, investigação intensa da raiz das situações identificadas e reconhecimento do potencial para transformar a realidade - e Desvelamento Crítico da Realidade - Fase da Problematização ou Redução Temática, é desenvolvida a consciência por meio de conceitos e é hora de abrir “possibilidades concretas de ultrapassagem”.

A etapa de coleta das informações foi realizada em um Centro de Saúde de um município do sul do Brasil, nos meses de maio e julho de 2019. As participantes foram doze mulheres, entre casadas e solteiras, com faixa etária de dezoito a setenta e nove anos, que realizaram a Consulta de Enfermagem e foram convidadas presencialmente a participarem dos círculos de cultura. Foram apresentados os objetivos da pesquisa e realizada a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) por cada participante. Como garantia de anonimato, os nomes das participantes foram alterados para codinomes

extraídos da obra “Pedagogia da Autonomia”, do educador Paulo Freire, e a pesquisa obteve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa de uma universidade do sul do Brasil com o CAAE 95490518.8.0000.0121.

A coleta de dados ocorreu por meio de seis Círculos de Cultura, que consistem em momentos em que os pesquisadores (facilitadores) e participantes se encontram, e por meio da problematização da realidade e da investigação sobre determinado tema, seja desenvolvida uma consciência crítica capaz de modificar o contexto em que as situações problema emergem. Os encontros foram realizados com o intervalo de quinze dias entre eles, com uma duração média de duas horas, e o ambiente do Círculo de Cultura foi criado de forma a favorecer o diálogo entre as participantes e as facilitadoras da pesquisa, com conforto, onde todas possuíam local para se sentarem e com privacidade, em sala exclusiva para este encontro, para que, através do processo dialógico de ação–reflexão–ação, todos os envolvidos na proposta progredissem e ocorresse a transformação (Durand & Heideman, 2019).

Na etapa de Investigação Temática houve uma dinâmica de apresentação de todos os presentes. Serviu como possibilidade de descontração e entrosamento entre as participantes. Assim, os temas geradores vinculados à realidade do grupo foram levantados e concomitantemente, os vínculos foram se estruturando e com isso, as temáticas foram emergindo por meio das manifestações das situações vividas que interferiam no cotidiano das mulheres.

Inicialmente foram levantados vinte temas geradores, os quais foram codificados através de dinâmicas e rodas dialógicas nas quais foram reduzidos, a oito temas, quais sejam: Relações familiares conflituosas; Perdas/Isolamento social; Adoção; Concepções diferentes de gerações; Necessidade da escuta e diálogo; Violência Doméstica; Consulta de Enfermagem; Autonomia, este último abordado neste estudo.

Estes oito temas foram dialogados no transcorrer dos Círculos, descodificados e desvelados, permitindo às participantes um novo olhar sobre a autonomia, fomentando um contínuo processo de ação, reflexão e ação perante suas histórias de vida e frente ao seu papel social. A etapa de Desvelamento Crítico ocorreu em dois círculos de cultura onde as participantes passaram a ter um novo olhar frente a sua realidade. O desvelamento dos temas investigados teve como foco as reflexões ocorridas sobre a autonomia e corresponsabilidade das mulheres participantes da pesquisa e sua possibilidade de empoderamento e transformação da realidade vivida.

Vale destacar que nem todas as participantes estiveram presentes em todos os encontros - ainda que todas tenham sido convidadas para os seis Círculos - o que não se configura como um problema para a pesquisa, haja vista que o método prevê idas e vindas entre os momentos da produção das informações, pois não é um caminho linear, com uma ordem fixa de acontecimentos.

Para o registro dos temas foi realizada gravação de áudio, previamente autorizado pelas participantes, com o objetivo de registrar os encontros na íntegra. E para a análise do estudo, os Círculos, portanto, foram transcritos, e as falas foram categorizadas de acordo com os oito temas geradores emergentes, processo que iniciou desde o primeiro encontro com as participantes. Assim, foi possível extrair discursos que relataram o cotidiano e que identificavam a expressão da autonomia das mulheres no contexto em que vivem.

### **3. Resultados e Discussão**

A violência contra a mulher é um problema histórico de saúde pública e é consequência de uma posição em que a mulher é colocada de desvalorização, subalternidade, submissão e inferiorização, em uma estrutura social patriarcal e machista, baseada em preconceito, intolerância e sentimento de posse de quem pratica, e seu conceito remete a um fenômeno multifacetado, permeado por questões de classe, étnico-raciais e históricas (Zanatta & Faria, 2018).

Nessa perspectiva, as concepções freireanas, aliadas aos princípios da Promoção da Saúde, serviram de eixo condutor na discussão sobre os temas que emergiram durante as reflexões levantadas neste processo, haja vista que Paulo Freire foi um

defensor de uma educação libertadora, que promovesse a autonomia dos indivíduos, tornando-os autores de suas próprias histórias, de forma oposta às relações de dominação e opressão que perpetuam na cultura da violência contra a mulher (Freire, 2019).

Com base no referencial teórico sobre o tema e nas informações produzidas nos círculos de cultura no que diz respeito à autonomia da mulher em situação de violência, serão apresentados os resultados encontrados, e discutidos com a literatura à luz da concepção de autonomia, a cultura de violência contra a mulher e as faces que a compõem, bem como a promoção da saúde direcionada às vítimas de violência.

A violência de gênero se manifesta de diferentes formas, ainda que a natureza da violência seja a mesma, relacionada à cultura patriarcal que privilegia o masculino nas relações de poder, de modo que depende do contexto em que a vítima está inserida (Martins, Silva, Dilélio, Costa, Colomé & Arboit, 2018). Nas circunstâncias em que vivem as mulheres participantes do estudo, observam-se relações de dependência financeira:

“Lá em casa é tudo o meu marido. Se ele morrer eu nem sei o que eu vou fazer da minha vida... Peço a Deus que ele dure muitos e muitos anos... A gente só está dividindo casa e ele está me dando um prato de comida pra eu comer, que é o dever dele me dar, porque eu nunca trabalhei fora, mas eu trabalhei pra ele. Eu fiquei 36 anos lavando, passando e cozinhando pra ele e cuidando dos nossos filhos...” (Sensibilidade).

As questões de gênero nesse contexto estão estritamente relacionadas, pois gênero de acordo com Joan Scott (1994) consiste nessa relação social entre os sexos, sendo imposta em um corpo sexuado. Dessa forma, a violência de gênero faz parte da estrutura que tira os direitos humanos à medida que mantém as desigualdades, através de uma hierarquia pautada na obediência e submissão de um sexo ao outro (Saffioti, 2019).

Questões como violência doméstica e situações problemáticas vivenciadas na família ganharam destaque nos Círculos, onde o medo e a insegurança foram apontados pelas mulheres como recorrentes. Entretanto, em contraponto a esses sentimentos, emergiram relatos que demonstravam a autonomia exercida por elas que, mesmo em situações adversas e que afetavam de maneira significativa o seu cotidiano, desenvolveram mecanismos de empoderamento que as levaram a decidirem sobre suas vidas e, ao menos, modificarem relações de poder a que se submetiam, colocando em prática o princípio de autonomia:

“Então, ele me bateu [...] eu moro em prédio, todo mundo lá embaixo ouviu! Eu gritei, eu berrei [...] na hora que ele me bateu, eu não reagi. Eu não tive ação! Eu fiquei parada, podia ter dado parte dele, mas não fui, não quero estragar a imagem dele. Então, o que eu vou fazer? Vou me separar e pronto! Melhor coisa que eu vou fazer!” (Fortaleza)

Ao encontro disso, o Atlas da Violência indica que em 2017 ocorreram, em média 13 homicídios femininos por dia no Brasil, ou seja, 4.936 mulheres mortas nesse ano, sendo que 946 casos foram de feminicídio. Esse dado compõe uma taxa de 4,7 mortes por 100 mil mulheres (Carneiro, Gomes, Estrela, Paixão, Romano & Mota, 2020).

Ainda, o número de casos de violência contra a mulher vem crescendo no âmbito doméstico e a situação se agravou ainda mais durante o período de distanciamento social devido a pandemia do Corona Vírus. Em comparação com 2019, os casos de violência contra a mulher em 2020 aumentaram cerca de 22% entre os meses de março e abril (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2020).

Dados como esse, mostram a gravidade do problema da violência contra a mulher, e a importância da tomada de consciência e da decisão de quebrar este ciclo, que envolve violência psicológica e física e que pode resultar no feminicídio (Souza & Silva, 2019). A fala a seguir mostra como a autonomia enquanto mecanismo de enfrentamento se mostra na tomada de decisão:

“Eles casaram, foi muito legal [...] depois foi um inferno, ele [marido] tinha ciúmes [...] ficou um ano e pouco, ela já tinha medo dele [...] ela pegou o carro, colocou as coisinhas dela dentro e veio embora. Ela teve coragem.” (Escuta).

Nesse sentido, a autonomia emerge como uma possibilidade de interrupção de um processo que corrobora na violência, pois permite o direito de decidir sobre si mesma, sobre seu corpo, e suas escolhas, mesmo que em muitos casos, a própria lei não permita que a autonomia da mulher seja praticada em sua plenitude (Anjos, Ramos, Joras, & Goellner, 2018).

A autonomia ganha destaque e possui um conceito amplo e não consensual, sendo que sua operacionalização e propósito dependem do contexto em que as mulheres estão inseridas (Trentin, Vargas, Brehmer, Schneider & Leal, 2019). Entretanto, autores afirmam que Kant foi um dos pioneiros ao explicar o conceito de autonomia, como a autodeterminação de um indivíduo e sua vontade de conduzir-se de acordo com as suas próprias regras e sua razão prática, de maneira que aquilo que é externo não limite sua própria vontade e interesse (Filho, 2019).

Por essa razão, podemos entender que as atitudes das mulheres são expressão de um processo de autonomia. Processo, por não ser uma situação acabada, mas que reflete a busca por serem reconhecidas como mulheres de direito, que merecem ser ouvidas e respeitadas em suas escolhas. Neste sentido, a fala abaixo identifica situações de violência e desrespeito as quais exigem atitudes de autonomia e fortalecimento pessoal:

“Eu não consigo me libertar. Até ontem eu fiquei a manhã inteira sofrendo sem saber ao certo o que fazer. Agora vou ficar dentro de uma casa sempre com medo. Eu tenho medo a hora que a porta abre, eu tenho medo quando a porta fecha, tenho medo quando ele entra no meu quarto [...], mas daí eu paro e penso que não adianta eu ficar dentro de casa por um prato de comida. Ele não me respeita como ser humano e eu não respeito ele como ser humano.” (Fortaleza)

Paulo Freire, em *Pedagogia da Autonomia*, revela que a autonomia se constrói a partir de diversas decisões que vão sendo tomadas, em um processo de amadurecimento e de “vir a ser”, por isso, precisa ser desenvolvida através de experiências que estimulam a decisão e a responsabilidade, e “É com ela, a autonomia, penosamente construindo-se, que a liberdade vai preenchendo o “espaço” antes “habitado” por sua dependência”, por isso a construção da autonomia é fundamental no processo de enfrentamento da violência contra a mulher (Freire, 2019).

Dessa forma, ganha destaque o desafio de modificar o modo de vida, saindo do ciclo de agressões, buscando independência inclusive financeira do agressor, o que mostra, ainda que sutilmente, a autonomia das mulheres, a coragem para enfrentar seus medos e modificar seu modo de viver. Investigou-se nos círculos de cultura que a autonomia feminina é pessoal, mas não individualista. Sendo compreendida dentro de um contexto social onde a mulher é a protagonista de sua história e, portanto, capaz de transformar sua realidade.

Portanto, evidencia-se que qualquer discriminação é imoral e lutar contra ela é um dever por mais que se reconheça a força dos condicionamentos a enfrentar. A boniteza de ser gente se acha, entre outras coisas, nessa possibilidade e nesse dever de brigar. Saber que devo respeito à autonomia e à identidade do educando exige de mim uma prática em tudo coerente com este saber.

Nesse sentido, no âmbito da saúde, muitas vezes o foco está nos sinais e sintomas do adoecimento físico – de forma que a intervenção não é voltada para a solução da causa do problema – em detrimento do impacto social e emocional que a violência causa na sociedade. Por isso, os profissionais de saúde devem estar qualificados tanto para identificar as situações de violência contra as mulheres, quanto para construir com elas um posicionamento crítico reflexivo sobre as desigualdades de gênero, com o intuito de desconstruir a cultura de violência, de forma agir na causa do problema (Martins, Silva, Dilélio, Costa, Colomé & Arboit, 2018).

Dentro das equipes de saúde a enfermagem tem potencial para trazer para o campo da prática as reflexões sobre gênero, ampliando o olhar sobre o problema da violência contra a mulher, como também refletir com as mulheres sobre as possibilidades de desenvolver estratégias para romperem com a dependência econômica e psicológica, em busca da sua autonomia.

Os Círculos de Cultura possibilitaram às mulheres expressar seus sentimentos em relação às situações vivenciadas,



possibilitando o alcance da superação dos problemas, fortalecimento da autonomia e empoderamento das mulheres no seu viver diário, desvelando-se na fala de uma das participantes:

“Pessoal, quando vocês tiverem problemas, vocês botem os pés no chão, botem para pensar, mas nunca deixem se levar para baixo. Sempre para cima!” (Críticidade)

Isto também é reforçado ao se pensar na proposta do grupo como um momento de “comunhão” e troca coletiva, onde todas pudessem dividir suas angústias e enfrentar as situações problemáticas com mais força e tranquilidade. Isto é relatado na seguinte fala:

“[...] na verdade a gente gosta de ouvir e de falar o que estamos falando aqui [...] na verdade não é que seja doença, mas é a saúde mental nossa, principalmente das mulheres [...] essas questões machucam, de um jeito ou de outro. [...] Então vamos ficando doentes, vem a depressão, vem o nervosismo, a ansiedade. Então, quando falamos, gostamos de conversar entre mulheres, porque fica melhor, não é? Fica mais ‘ufa, não é só eu’, ter isso é muito bom! Neste aspecto, na verdade, estamos falando de saúde e doença nossa, mulheres! E aí, nós estamos falando de doença dentro de um lugar de saúde, dentro de um lugar que se chama Saúde Pública!” (Comprometimento)

Importante ainda salientar que o vínculo com os diversos atores envolvidos no cenário da saúde também foi fortalecido, uma vez que propiciar um espaço onde as mulheres pudessem expor seus sentimentos dentro do centro de saúde tem impacto positivo em suas vidas. A organização da atenção à saúde, nos moldes da Estratégia Saúde da Família, fortalece o vínculo entre usuárias e equipe, a partir de um atendimento de qualidade, com acolhimento, escuta qualificada e poder de esclarecimento das dúvidas da população (Santos, Romano, & Engstrom, 2018).

Assim, ao refletirmos sobre o sistema de saúde vigente e, de modo especial, a Saúde da Família, percebe-se uma maior relação com a promoção da saúde assim como uma forte estratégia de mobilização social, além de um novo modo de pensar e agir na ampliação da autonomia dos sujeitos e coletividades bem como uma nova abordagem de intervenção social (Durand & Heideman, 2019). Encontra-se, portanto, a autonomia como categoria norteadora das ações em promoção da saúde (Rosa, Silva, Carvalho, Sousa, Rodrigues & Penha, 2018).

Por fim, a autonomia é descrita como a capacidade do sujeito de lidar com sua rede de dependência. A constituição da autonomia depende do próprio sujeito e da coletividade. Isso significa que a autonomia também depende de condições externas, inerentes ao sujeito (Anjos, Ramos, Joras & Goellner, 2018). Depende da educação, da saúde, da economia, da cultura, etc. Todavia, levando em consideração os aspectos levantados nos círculos de cultura, percebe-se como possibilidades de autonomia o desenvolvimento das habilidades pessoais das mulheres que relataram suas experiências de vida e com isso transformaram positivamente a capacidade de lidar com suas redes de dependência.

#### **4. Conclusão**

Os Círculos de Cultura propiciaram um momento de troca de experiências e conforto entre mulheres que vivenciam situações de dificuldade no seu cotidiano, relacionadas à violência de gênero. Ainda que de forma tímida, sem expressar verbalmente o exercício da autonomia e do poder próprio sobre sua vida, as mulheres demonstraram que exercem sua autonomia perante os problemas imediatos que as afetam.

Neste sentido, fortalece-se a ideia de proporcionar um espaço para interação entre as mulheres e os profissionais da ESF, como um incentivo à autonomia. O cenário da Unidade Básica, localizado próximo à moradia das participantes, exerce impacto positivo frente à realidade vivida por elas, além de fortalecer o vínculo com a instituição e os profissionais, que possuem a capacidade de perceber e atuar sobre as situações de violência, perda e sofrimento vivenciadas, auxiliando e encorajando a autonomia e o empoderamento destas mulheres.

Destaca-se ainda, que este estudo contribui para fomentar a ocupação dos espaços que a enfermagem tem para

trabalhar sobre o papel da mulher na sociedade, como os serviços de saúde, impulsionando uma maior qualidade de vida, com foco no indivíduo e no contexto em que vive, de forma a intervir na causa do problema que se evidencia. Além disso, trazer para discussão a autonomia das mulheres se torna uma alavanca que impulsiona a transformação da realidade não apenas no âmbito acadêmico, mas no assistencial, haja vista que é necessária a tomada de consciência para a prática em direção à emancipação das mulheres na sociedade, e que movimentos de promoção da saúde são propulsores no sentido desse propósito.

Sugere-se, o aprofundamento de estudos relacionados a esta temática com foco na percepção dos profissionais de saúde nesse contexto, e no papel que assumem, ou deixam de assumir na promoção da autonomia das mulheres, com o objetivo de quebrar ciclos de violência e de transformar a estrutura que sustenta padrões hierárquicos de gênero, para provocar a ação-reflexão-ação também na população de profissionais da saúde.

## Referências

- Alexandre, A. C. S., Salgueiro, C. D. B. L., Gonçalves, C. F. G., Lopes, J. C., Rodrigues, J. V. S., Santos, J. L. C. & Silva, P. L. (2019). Violência de gênero sob a ótica e cuidado do enfermeiro: assistência à mulher vitimada. *Enfermagem Brasil*, 18, (1), 141-148.
- Anjos, L. A., Ramos, S. S., Joras, P. S., & Goellner, S. V. (2018). Guerreiras Project: futebol e empoderamento de mulheres. *Revista Estudos Feministas*, 26, (1), e44154. [10.1590/1806-9584.2018v26n144154](https://doi.org/10.1590/1806-9584.2018v26n144154).
- Beauvoir S. (2019). *O Segundo sexo*: Nova Fronteira.
- Durand, M. K., & Heidemann, I. T. S. B. (2019). Determinantes Sociais de uma Comunidade Quilombola e sua Interface com a Promoção da Saúde. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 53, e03451. [10.1590/S1980-220X201800770345115](https://doi.org/10.1590/S1980-220X201800770345115).
- Filho, J. E. L. (2019). Esclarecimento e educação em Kant: a autonomia como projeto de melhoramento humano. *Trans/Form/Ação*, 42, (2), 59-84. doi: [10.1590/0101-3173.2019.v42n2.04.p59](https://doi.org/10.1590/0101-3173.2019.v42n2.04.p59).
- Fórum Brasileiro de Segurança Pública. (2020). Nota técnica. Violência doméstica durante a pandemia de Covid-19, ed2. <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2020/06/violencia-domestica-covid-19-ed02-v5.pdf>
- Freire, P. (2019). *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*: Paz e Terra.
- Freire, P. (2019). *Pedagogia do Oprimido*: Paz e Terra.
- Liberato, E. S. O. (2020). Sexo, gênero & feminismo: para uma vindicação contemporânea dos direitos das mulheres. *Revista Estudos Feministas*, 29, (1), e71698. [10.1590/1806-9584-2021v29n171698](https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n171698).
- Lima, C. S., Almeida, S. D., Nascimento, J. C. C., Nogueira, A. L. F., Costa, E. S., Magalhães, R. O., & Silva, A. L. C. (2021). Assistência de enfermagem frente a mulheres vítimas de violência no Brasil. *Research, Society and Development*, 10, (1), e40310111861. [10.33448/rsd-v10i1.11861](https://doi.org/10.33448/rsd-v10i1.11861).
- Martins, L. C. A., Silva, E. B., Dilélio, A. S., Costa, M. C., Colomé, I. C. S. & Arboit, J. (2018). Violência de gênero: conhecimento e conduta dos profissionais da estratégia saúde da família. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 39, e2017-0030. doi: [10.1590/1983-1447.2018.2017-0030](https://doi.org/10.1590/1983-1447.2018.2017-0030).
- Padilha, R. Q., Gomes, R., Lima, V. V., Soeiro, E., Oliveira, J. M., Schiesari, L. M. C., Silva, S. F. & Oliveira, M. S. (2018). Princípios para a gestão da clínica: conectando gestão, atenção à saúde e educação na saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23, (12), 4249-4257. [10.1590/1413-812320182312.32262016](https://doi.org/10.1590/1413-812320182312.32262016).
- Prado, N. M. B. L., & Santos, A. M. (2018). Promoção da saúde na Atenção Primária à Saúde: sistematização de desafios e estratégias intersetoriais. *Saúde em Debate*, 42, (spe1), 379-395. [10.1590/0103-11042018s126](https://doi.org/10.1590/0103-11042018s126).
- Pereira A. S. et al. (2018). Metodologia da pesquisa científica. UFSM. [https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/15824/Lic\\_Computacao\\_Metodologia-Pesquisa-Cientifica.pdf?sequence=1](https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/15824/Lic_Computacao_Metodologia-Pesquisa-Cientifica.pdf?sequence=1)
- Rosa, A. R. R., Silva, T. S. L., Carvalho, I. C. S., Sousa, A. S. J., Rodrigues, A. B., & Penha, J. C. (2018). Exame citopatológico do colo do útero: investigação sobre o conhecimento, atitude e prática de gestantes. *Cogitare Enfermagem*, 23, (2), e52589. [10.5380/ce.v23i2.52589](https://doi.org/10.5380/ce.v23i2.52589).
- Saffioti, H. I. (1987). *O Poder do Macho*: Editora Moderna.
- Santos, R. G., Moreira, J. G., Fonseca, A. L. G., Filho, A. S. G. F. & Ifadireo, M. M. (2019). Violência contra a Mulher a partir das Teorias de Gênero. *Id on Line Revista Multidisciplinar e de Psicologia*, 13, (44), 97-117. [10.14295/idonline.v13i44.1476](https://doi.org/10.14295/idonline.v13i44.1476).
- Santos, R. O. M. D., Romano, V. F., & Engstrom, E. M. (2018). Longitudinality in Family Health: construction based on the care model, interpersonal practices and service organization. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 28, (2), e280206. doi: [10.1590/s0103-73312018280206](https://doi.org/10.1590/s0103-73312018280206).
- Souza, M. B., & Silva, M. F. S. (2019). Estratégias de enfrentamento de mulheres vítimas de violência doméstica: uma revisão da literatura brasileira. *Pensando Famílias*, 23, (1), 153-166. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-494X2019000100012](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2019000100012).
- Trentin, D., Vargas, M. A. O., Brehmer, L. C. F., Schneider, D. G., & Leal, S. M. C. (2019). Olhar de profissionais no atendimento a mulheres em situação de violência sexual: perspectiva da declaração universal de bioética e direitos humanos. *Texto & Contexto – Enfermagem*, 28, e20180083. doi: [10.1590/1980-265x-tce-2018-0083](https://doi.org/10.1590/1980-265x-tce-2018-0083).



Zanatta, M. A., & Faria, J. P. (2018). Violência contra a mulher e desigualdade de gênero na estrutura da sociedade: da superação dos signos pela ótica das relações de poder. *Revista de Gênero, Sexualidade e Direito*, 4, (1), 99-144. 10.26668/2525-9849/Index\_Law\_Journals/2018.v4i1.4209.